

A CARNE E OS OSSOS DO OFÍCIO ACADÊMICO

Maria Ester de Freitas*

Considero muito feliz a frase de Caetano Veloso que diz: “*gente nasceu para brilhar*”.

Nos dias de hoje é o mundo do trabalho que, geralmente, fornece o palco que permite às pessoas exibirem os seus talentos, receberem aplausos e alimentarem - de forma mais ou menos saudável - o seu narcisismo. Todos os tipos de trabalho são úteis para se construir um mundo, porém nem todos eles são geradores de alegrias, de descobertas, de encontros e de crescimento.

Alguns trabalhos são repetitivos, sujos e mesmo repugnantes. Nesses casos, o trabalho é encarado apenas como um emprego, um meio de sobrevivência, uma ocupação remunerada, sem trazer a alegria e o desafio como partes integrantes.

Felizmente, os talentos parecem ser democraticamente distribuídos, pois as pessoas são boas apenas em algumas coisas e medíocres ou insignificantes em umas tantas outras. Uma parte significativa das pessoas pode encontrar oportunidades de demonstrar as suas competências no trabalho que realiza, o que não quer dizer que todas as competências sejam igualmente valorizadas na sociedade e cultura circundantes.

Discutiremos aqui alguns pontos que julgamos essenciais no trabalho e na carreira acadêmica, buscando explicitar alguns motivos de gozo e também armadilhas, desafios e mal-estares que parecem fazer parte do novo cotidiano dessa profissão.

A OPÇÃO

A carreira acadêmica, aqui entendida como um conjunto de atividades relacionadas ao ensino, a pesquisa, à formação de novos pesquisadores e à publicação técnica, pode ser exercida por motivações objetivas e subjetivas das mais diversas, variando desde uma fonte de sobrevivência a uma fonte de auto-realização pelo desempenho de uma tarefa nobre. Contudo, a opção de todo profissional acadêmico é marcada pela sua história pessoal e pelas ideologias existentes no campo de conhecimentos e na própria sociedade em que se vive. Tal opção implica, ainda, na existência ou no desenvolvimento de alguns requisitos, sem dúvida, importantes, dentre os quais destacam-se: a) o gosto pela leitura, pelo estudo, pelo debate, pela provocação, pela dúvida e pela escrita; b) gostar de pessoas e de estar com elas; c) a tolerância à ambigüidade, à incerteza e a um horizonte de longo prazo, visto que a relação com o conhecimento e seus produtos não é algo imediato; d) o saber lidar com a ausência de recompensas materiais e simbólicas; com *feedbacks* rápidos, derivados da interação na sala de aula, e com *feedbacks* lentos, derivados do trabalho de pesquisa e da publicação de seus resultados.

Ainda, a carreira acadêmica exige a boa convivência e o respeito às diferenças, aliados a um senso de justiça que assume a igualdade de importância dos conhecimentos, descobertas e temas de outras áreas, favorecendo um trabalho interdisciplinar. Aceitar outras perspectivas e outras visões é abdicar do narcisismo teórico redutor de cada área específica, pois o mundo é muito mais complexo que qualquer modelo possa dar conta de explicar; por bom que seja o modelo, ele é tão somente uma aproximação do real, a partir de algumas premissas.

Especialmente na universidade, o acadêmico é instado a desenvolver os papéis de professor e pesquisador ao mesmo tempo, porém nem sempre esses

papéis estão em sintonia com as exigências psíquicas de cada um deles. Não raro, um professor deve exibir uma atitude e um comportamento simples, humilde e de acolhimento ao aluno, de acordo com o seu nível de informação, suas dúvidas e ansiedades. O pesquisador, por outro lado, circula entre pares, disputa com eles a atenção para convites e o espaço de publicações, precisa defender sistematicamente a importância da sua linha de pesquisa ou do objeto de seus estudos, necessita de certa sofisticação e domínio de território intelectual, às vezes marcado pela arrogância ou pela agressividade defensiva. Existem, pois, demandas psicológicas contraditórias entre o ser professor e o ser pesquisador, entretanto elas não são inconciliáveis, pois é preciso se estar atento ao fato de que a competição na arena acadêmica é sutil e exige aparência de esportividade; porém, ela não é menos violenta que em outros cenários. Uma metáfora pertinente talvez seja a do jogo de xadrez, no qual não se quebram as pernas dos jogadores, apenas são massacrados os seus egos.

Uma outra exigência fundamental no exercício profissional acadêmico é relacionada com a titulação, daí a importância de gostar de estudar, pois os títulos devem ser desejados, buscados, conquistados e divulgados. É certo que os títulos legitimam os degraus atingidos na carreira e dão visibilidade externa, porém eles não se bastam. É necessário que o acadêmico seja um detentor - reconhecido pelos pares - de múltiplos capitais: intelectual, social, cultural, econômico e atualmente a própria mobilidade se faz um valor em si mesmo. Ora, um acadêmico não pode restringir-se ao domínio de sua especialidade, ele deve transitar com uma certa desenvoltura entre repertórios mais largos, ainda que não necessariamente mais profundos ou eruditos.

O GOZO DO OFÍCIO

Não se escolhe a academia pelo salário que ela paga, mas, principalmente, pelo trabalho que lá é realizado. Portanto, nos deteremos em pontos que remetem ao sentido e às alegrias advindas do próprio trabalho.

No mundo acadêmico as inquietações intelectuais são "respeitadas" e mesmo as manifestações produzidas pelo delírio, pelo capricho, pelo interesse, pelo desejo, pela curiosidade, pelo impulso, pela polêmica e pela bisbilhotice são consideradas legítimas. O que em outras profissões seria condenável, aqui é insumo ou matéria-prima bem vinda, pois as idéias, ou os *insights*, podem vir de associações às vezes tão tortas ou estapafúrdias que fariam Freud bater palmas. Convinhamos que poder expressar em voz alta idéias que outros - antecipadamente - considerariam meras bobagens ou heresias, é um luxo!

Aliada a esta vantagem, a vida acadêmica tem na sua essência a busca e o contato com outros universos de idéias, de autores, de lugares e de temas, que favorecem uma rica vida interior. O gosto pela leitura e pela escrita pode ser um reconfortante companheiro ao longo da vida, sem falar que se aprende a estudar com prazer, com alegria e com cuidado. Tudo é fonte de aprendizagem e abre um universo de possibilidades fascinantes.

Um acadêmico tem sempre uma lista de figuras identificatórias fundamentais na sua vida; foram professores, orientadores e autores que exerceram um importante papel na sua formação e aos quais ele se liga não apenas intelectualmente, mas afetivamente. Poder desfrutar da companhia dessas pessoas, ter acesso e proximidade com elas é um privilégio, que reforça, positivamente, a escolha da profissão e a ilumina com o vínculo e a afiliação teórica. É fato que as comunicações eletrônicas facilitam o acesso a pessoas até ontem inatingíveis, mas isto não se confunde com o fato de se privar de certa intimidade com esses personagens admirados. Um outro ponto interessante é que aqui os mortos são resgatados, reverenciados e podem ocupar o lugar de honra como convidado ao banquete.

Como dissemos antes, existem na carreira acadêmica atividades cuja avaliação é rápida e outras em que ela é lenta. Nas primeiras estão as aulas, os

debates, as apresentações e as conferências. O profissional sabe, por sentir nas entranhas, quando apresentou uma bela aula, quando os seus ouvintes estavam atentos e interessados, quando os assuntos se encadearam naturalmente, quando o aluno que tinha dúvida ficou esclarecido e satisfeito, quando o genuíno interesse ligou professor e aluno. As atividades de avaliação lenta, também, geram uma enorme satisfação e elas ocorrem quando se defende uma tese, quando se publica um artigo, quando se tem um *paper* aceito num congresso importante, quando o seu livro foi lançado, quando o seu orientando defende a sua tese e quando ele se faz orientador e escritor. Esses *feedbacks* são verdadeiros alimentos para a alma, pois captam imediatamente o que existe de mais puro na conta de nosso ego ideal, de nosso narcisismo e da nossa capacidade de sublimar. É absolutamente saudável uma pessoa se alegrar e se orgulhar de si quando fez um bom trabalho e quando ele é reconhecido por pessoas que ela admira.

Como toda profissão, a acadêmica também tem regras, rituais e cobranças. Mas, desde que ele cumpra as questões básicas, o acadêmico tem graus de liberdade e de autonomia sem equivalentes em outras profissões. Isso não significa que ele trabalhe menos, mas que exerce um maior controle sobre o seu tempo e o conteúdo do que faz. É verdade que cada vez mais a tendência é a de se uniformizar, padronizar e taylorizar a sala de aula, bem como a de se definir – à revelia – o objeto de estudo a ser realizado nas dissertações e teses dos alunos; ainda assim, nenhum trabalho acadêmico prescinde de rasgos de originalidade, de ousadia, de teimosia e de afirmação de autonomia intelectual. Pode-se obrigar um professor a adotar um livro ou se cronometrar o tempo que ele dedica a cada tema, mas não se eliminará o traço individual e a maneira como cada professor realiza o seu trabalho, como interage com a classe, como manifesta suas emoções no cumprimento de seus deveres, como escolhe exemplos que dão brilho ao assunto ou autores que tiveram contribuições geniais. Nesse sentido, o acadêmico é por natureza um rebelde aceito, caso contrário seria mais barato e menos complicado contratar-se um robô.

OS OSSOS DO OFÍCIO

Pensar dói! A ignorância é algo bastante confortável e não é à toa que muitas vezes o ser humano prefere “fazer de conta que não sabe” certas coisas que explicitam contradições, paradoxos e ambivalências. Existe muita diferença entre saber o que fazer e poder fazer, o que não raro gera um sentimento de impotência, inadequação e de consciência estéril. Isto não significa que a teoria na prática seja outra, apenas significa que a teoria é geral e a prática sempre se dá numa situação específica e sob condições específicas. Não são poucos os filósofos que se suicidaram, justo eles!

O mundo acadêmico é um universo com um elevado nível de aspiração e um comportamento entre pares que, no discurso, prega a diferença, mas que, na realidade, cobra a homogeneidade e o espelho. Tratam-se de profissionais que se levam muito a sério, que têm dificuldades em separar o professoral do pessoal, sentem fortes cobranças identificatórias imaginárias ou reais, competem de maneira sinuosa e escorregadia, vivem a discordância como um ofensa pessoal, mesmo se a polêmica e a dúvida devem ser parte do seu dia-a-dia, constroem alianças corporativistas e clivagens totêmicas em vista de suas filiações teóricas que excluem os que não compartilham das mesmas idéias.

Na academia, os pecados capitais assumem dimensões mortíferas: colegas e chefes escondem informações como se fossem tesouros raros; a superficialidade e a colagem são desonestas; a soberba afasta o que precisa de esclarecimentos e apoio; nenhum tema é defunto morto o suficiente quando se quer estudá-lo; as críticas são vistas melindrosamente como traições que merecem revides; o guloso assume todas as posições em todos os espaços possíveis de alianças; e o invejoso poderá ter um infarto feliz, mas o seu colega-rival não terá

o *paper* aceito, o artigo publicado, o livro divulgado ou o reconhecimento explicitado. Quando o ambiente de trabalho é ruim, na verdade ele é péssimo e os grupos vivem o tempo para fabricar e potencializar intrigas.

É inegável a necessidade de o mundo acadêmico dar satisfações à sociedade sobre a sua produção, o seu desenvolvimento e as suas conquistas. É essencial que órgãos de controle regulem o exercício acadêmico e cobrem resultados. No entanto, percebe-se que existe, não apenas no Brasil, mas também no exterior, uma supervalorização da produtividade, certo descaso com a qualidade dos produtos gerados pelas pesquisas, certo incentivo ao irrelevante metodologicamente correto e um afrouxamento na qualidade da formação dos pesquisadores futuros. Os números, sejam relativos ao tempo para preparação de novos profissionais, sejam em relação ao que se deve produzir (cursos, horas-aula, publicações etc), podem anular as razões pelas quais essa profissão é escolhida. Aquele que produz pensando simplesmente num rico recheio numérico pode ser um tiro pela culatra. Vale dizer, não se produz conhecimento honesto, com qualidade e com reflexão madura quando a preocupação central é apenas com os números que devem constar do relatório. A perda de sentido nesse trabalho é mortal.

Outra questão a ser colocada é a respeito da novidade de, hoje, a profissão de acadêmico ser uma atividade de risco para a saúde. O excesso de trabalho tem sido produzido pela mudança na prática de ensino e de pesquisa, com a incorporação de novas tecnologias que, se ajudam, também aceleram enormemente o ritmo do trabalho. Além das competências relacionadas à área de conhecimento específica e às salas de aula, um acadêmico hoje deve ser um entendido em comunicação eletrônica, preparar o seu material didático usando instrumentos cada vez mais sofisticados, enviar seus artigos e livros por meio de sistemas *on-line*, cadastrar-se e atualizar seus cadastros junto a diversas entidades, acompanhar financiamentos junto a órgãos de fomento, avaliar o trabalho de seus alunos e aconselhar melhorias, dar pareceres para revistas e congressos; enfim, não basta ele ser apenas uma sumidade na área. Os apoios antes oferecidos pelas áreas administrativas foram eliminados, os prazos são cada vez mais apertados, as oportunidades são sempre mais disputadas, os números são cada vez mais elevados, a cobrança é cada vez mais feroz (acho que faltou a cobrança por publicar) Uma parte significativa da carga de trabalho é realizada em casa, à noite ou nos finais de semana.

Conseqüência do novo cenário, a academia é hoje um lugar de risco para a saúde. Tornam-se freqüentes as doenças psicossomáticas entre professores de todos os níveis e ambientes de trabalho. Gastrite, taquicardia, hipertensão, irritabilidade, insônia, depressão e síndrome do pânico estão entre os males mais diagnosticados. O estresse profissional se alimenta hoje de múltiplas fontes e parece que a sala de aula e o relacionamento com os alunos não são mais os fatores determinantes desse quadro. As cobranças excessivas, a compressão do tempo, a competição ferrenha, a contínua atualização tecnológica e da área de estudos dão origem a uma fadiga institucional que coloca a carreira como uma das mais estressantes do mercado.

Não é raro ouvir um colega dizer que a melhor coisa que ele fará nas férias ou no final de semana será dormir. Não é temerário que dormir esteja se tornando uma extravagância, um luxo, um sonho de consumo?

Eu não creio que a profissão de professor esteja em vias de extinção em virtude das novas tecnologias, mas, talvez, o seu papel e a sua finalidade estejam se alterando tão radicalmente que corremos o risco de declarar como obsolescência o que é uma transição, uma adaptação, uma nova dinâmica no processo de aprendizagem. A mim parece que, por mais fascinante que seja o novo mundo tecnológico, a natureza humana tem os seus caprichos e somente uma outra natureza humana é capaz de compreendê-los, de inspirar novas idéias, de tocar a sensibilidade, de fazer brotar o desejo e a imaginação criadora, de gerar a alegria de ser capaz de criar, duvidar, debater e mudar. Um aluno só é aluno na sua interação com o professor e o professor só é professor na sua interação com o aluno. Podemos, sim, aprender por meio das máquinas, mas os homens continua-

rão precisando um do outro, continuarão buscando modelos de identificação, continuarão admirando outros, continuarão carentes de aprendizagem e de reconhecimento, continuarão duvidando e precisando debater as suas dúvidas. Um professor é parte indissociável desses processos, portanto, ele pode estar cansado, mas não está morto, e retira a sua energia tanto da carne como dos ossos do seu ofício.